

Desafios à economia em 86 são internos

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

A trajetória da economia brasileira, em 1986, dependerá fundamentalmente do comportamento da economia mundial, uma vez que, a nível interno, o País já enfrenta choque agrícola, pressão por continuidade de recuperação real de salários e ameaça de esgotamento da capacidade ociosa na indústria.

Estudo de conjuntura elaborado pelo Iplan/Ipea, órgãos do Ministério do Planejamento, constata, por enquanto, que os principais institutos que se dedicam a fazer previsões sobre a economia internacional não prevêem mudanças traumáticas para 1986, o que é tranqüilizador para o País.

O crescimento da economia mundial, particularmente do comércio, deve manter-se no nível deste ano. Os países da OECD — Organização de Cooperação Econômica e Desenvolvimento, crescerão 3,0%, capitaneados pelos Estados Unidos, com um crescimento de 3,3%, enquanto o comércio terá um crescimento de 4%.

Os juros internacionais este ano estabilizaram-se em 9,5% a **prime** e 8,5% a **Líbor**. Trata-se, conforme ava-

liação do Iplan/Ipea, de taxas ainda elevadas, porque historicamente se situaram em torno de 2,5% até a crise do petróleo, em 1979. Para 1986, consolidadas as tendências atuais, a **prime** deve ficar em 9% e a **Líbor** em 8,5%, garantindo ao Brasil um pagamento de juros de US\$ 10 bilhões, inferior em US\$ 350 milhões ao pagamento deste ano.

As principais **commodities** brasileiras estão com o preço em queda há alguns anos, e prevê-se continuidade dessa queda, embora lentamente. Por outro lado, a taxa média de inflação nas principais economias capitalistas em 1986 deve manter-se em 3,5%.

O Iplan/Ipea destaca ser também crucial para o Brasil a flutuação do dólar. Sua valorização iniciada em 1980 atingiu o ápice em fevereiro deste ano, com taxa de câmbio efetiva real superando os 45%. Desde então com leves oscilações o dólar em 1986 ainda se manterá sobrevalorizado em 30% apresentando apenas uma desvalorização de 5%.

Finalmente, o estudo faz uma rápida projeção da balança comercial brasileira. Com moderado otimismo, pode-se esperar um crescimento de 4,3% nas exportações, passando dos US\$ 25,4 bilhões este ano para US\$

26,5 bilhões. As importações crescerão 8,5%, passando de US\$ 12,9 bilhões para US\$ 14 bilhões. O saldo permanece em US\$ 12,5 bilhões, inferior aos US\$ 13,1 bilhões obtidos pelo País em 1984.

Na avaliação da Seplan, o crescimento industrial de 7% no ano que vem não causará acréscimo de instabilidade no valor das importações. Os preços de petróleo e trigo deverão apresentar queda; na realidade, cerca de 45% da pauta total das importações dificilmente apresentará aumento de preços. Nas exportações, o Brasil tentará ampliar suas vendas, apesar da queda de preços das **commodities** e de mercados fortemente concorrenzialis ou sujeitos a pressões protecionistas.

Quanto ao balanço de pagamentos para 1986, as mais recentes projeções do Banco Central indicam um déficit na conta serviços de US\$ 13,585 bilhões, incluindo pagamento de juros de US\$ 10,5 bilhões. Por outro lado, a balança comercial ficará em US\$ 12,5 bilhões. O déficit em transações correntes situa-se em US\$ 985 bilhões, e será coberto com a entrada líquida de recursos (de instituições oficiais e investimentos diretos) de US\$ 1,585 bilhão. O saldo do balanço de pagamento será de US\$ 600 milhões.